

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

**AS MUDANÇAS NO ESPAÇO PÚBLICO DE SÃO PAULO:  
INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS E SUAS  
MOTIVAÇÕES**

Orientando (a): Katharina Pinheiro

Orientador (a): Marcos Virgílio

**Resumo:** O artigo discute como as intervenções artísticas ajudam a utilizar e significar o espaço público de São Paulo e consequentemente tem influência na vida dos agentes transformadores, no cotidiano e na paisagem da cidade. Isso é feito por meio da análise de entrevistas com moradores e agentes transformadores urbanos, associada a revisão de literatura.

**Palavras-chave:** intervenção artística urbana, arte pública, São Paulo

**Abstract:** The article discusses about how art interventions help to use and signify the public spaces in São Paulo and consequently have an influence in the transforming agents' life, in the daily life and the landscape of the city. This is made through an analysis of interviews with residents and urban transforming agents, associated with a review of literature.

**Key words:** intervention, urban art, public art, São Paulo

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo visa discutir como as intervenções artísticas ajudam a ocupar o espaço público de São Paulo, e como, consequentemente elas têm influência na vida dos agentes transformadores<sup>1</sup>, no cotidiano e na paisagem da cidade. Para contextualizar essas intervenções, também serão apresentadas conceitos e fatos históricos sobre expressões culturais e sobre a cidade.

As intervenções são um modo de expressão e de ocupação da cidade que colaboram para o uso do espaço público e a interação das pessoas com o meio urbano. As motivações para intervir na cidade são variadas, e se relacionam com a classe social, bagagem e a experiência urbana do agente transformador, e isso se traduz no meio escolhido para a expressão artística: enquanto alguns pretendem embelezar o ambiente outros querem causar incômodo.

---

<sup>1</sup> Aqui serão denominados os sujeitos que intervêm na cidade como agentes transformadores.

A partir da análise de entrevistas com artistas e moradores, juntamente com uma pesquisa sobre a história da cidade e seus aspectos, foi elaborada a relação de arte com a utilização do espaço público. No decorrer do artigo serão apresentadas perspectivas sobre o espaço público de São Paulo e como o uso desse tem representações e significações que variam de pessoa para pessoa.

As intervenções artísticas urbanas mudam a paisagem e a rotina da cidade, levando cultura e lazer para as ruas e ocupando o espaço público de uma forma não programada. Essas práticas artísticas têm diferentes vertentes que precisam ser estudadas para se compreender melhor como essas transformam a cidade.

Os agentes também, portanto, devem ser objeto de estudo, uma vez que suas experiências urbanas e motivações interferem na maneira como se dará uma intervenção. Outro aspecto a ser estudado é como São Paulo é compreendida por seus moradores, e como esses entendem a utilização do espaço público e a importância das intervenções neste processo de (re)apropriação dos espaços da cidade.

A arte faz com que os transeuntes reparem mais nos espaços, transforma não-lugares em lugares significativos para a população e cria novos mecanismos de uso da cidade. O presente artigo se baseia na hipótese que os agentes transformadores são grandes responsáveis por fazer a população utilizar novamente os espaços públicos, cada qual com sua motivação, que também são importantes ao estudo.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Para a realização deste artigo, foram realizadas entrevistas e pesquisa de opinião, além da revisão de literatura. A metodologia foi escolhida tendo como base o livro *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (LAVILLE, 2008).

Os recortes, temporal e espacial, escolhidos foram a cidade de São Paulo (de acordo com os limites do município vigentes) atual, considerando atualidade como a segunda década do século XXI (de 2011 até agora). Esse recorte não excluiu análise de dados ou estudo de pesquisas datadas de anos anteriores.

Para conhecer o que a população de São Paulo entende sobre as intervenções e sobre o espaço público da cidade, foi utilizada uma pesquisa de opinião. As entrevistas foram feitas com agentes transformadores urbanos, praticantes de

intervenções, assim é possível compreender melhor suas motivações. A revisão de literatura foi feita para coletar informações e visões de outros pesquisadores sobre o tema.

Composta de duas partes, a pesquisa de opinião foi respondida por moradores de São Paulo. Os respondentes fazem parte de uma amostra não-probabilística<sup>2</sup> acidental, dessa forma, a amostra não é uma representação fiel da sociedade e as conclusões não devem ser generalizadas. A primeira parte tratou da condição social do respondente levando dados necessários para a análise dos resultados, assumindo que a condição social e as experiências urbanas estão diretamente ligadas com a percepção que se tem da cidade. A segunda parte da pesquisa tratou das projeções sobre a cidade, com perguntas direcionadas a saber como é a visão sobre São Paulo para cada respondente.

As entrevistas, por sua vez, foram feitas com agentes transformadores urbanos, praticantes de intervenções, a fim de compreender melhor suas motivações. Para essas entrevistas foi preparado previamente o roteiro, ainda que, pelo caráter de diálogo das entrevistas, também tenham emergido assuntos não programados originalmente. O roteiro foi dividido em três partes: a primeira, assim como nos questionários, dedicada a entender melhor o entrevistado; na segunda perguntas referentes à escolha do tipo de intervenção e como os agentes as praticavam; a terceira parte continha frases sobre intervenções artísticas urbanas, de pessoas que estudam o tema desta pesquisa, e o entrevistado deveria dizer se concorda ou não com ela, e, se desejasse, explicar o porquê.

A revisão de literatura foi feita para coletar informações e visões de outros pesquisadores sobre o tema. Os textos utilizados para a revisão de literatura foram escolhidos dando preferência para artigos e livros. Além disso, a busca por informações se estendeu para reportagens e documentários.

## **TRANSFORMAÇÕES URBANAS**

A cidade de São Paulo, foi fundada em 25 de janeiro de 1554, por jesuítas. Sua localização era privilegiada, pois se tratava de um importante ponto de comércio, principalmente por estar cercada de vias fluviais, que, com o tempo foram canalizadas

---

<sup>2</sup> Amostra em que os indivíduos não tiveram chances iguais de responder a pesquisa.

e retificadas para melhor servir as demandas urbanas. Com o passar dos séculos a vila se tornou uma cidade e no início do século XX virou um polo fabril importante. Atualmente grande parte das fábricas foi desativada e os antigos prédios fabris servem para outros fins, tais como espaço para festas, instituições de ensino, museus e centros culturais (como é o caso do Sesc Pompéia, que era uma fábrica de tambores e geladeiras até 1972), seguindo um paradigma internacional de conservação de edifícios industriais, dando a eles um novo uso (RODRIGUES E CAMARGO, 2010).



Antiga fábrica de tambores (Foto Peter Sheier)

O automóvel tem uma forte ligação com as transformações urbanísticas de São Paulo. No começo da segunda metade do século passado, segundo Flávio Villaça (VILLAÇA, 2004), a minoria politicamente poderosa cobrava mais infraestrutura enquanto o congestionamento se agravava, de modo que desde então foram realizados numerosos investimentos nas obras viárias, e até meados dos anos 1970 grandes avenidas foram construídas, levando à canalização de vários rios. Essas obras colaboraram para o atual desenho da cidade, uma vez que o sistema viário converge para o centro e a maioria das avenidas se concentram no quadrante sudoeste, lugar de moradia dos cidadãos privilegiados que exigiam as mudanças de infraestrutura.

Outros importantes lugares públicos foram construídos entre 1970 e 1985, dentre eles a Praça Roosevelt, inaugurada no aniversário 416 anos da cidade, o Parque do Carmo, implementado na metade da década de 1970 e a rodoviária do Tietê, inaugurada em maio de 1982. Uma das principais obras públicas foi a construção do metrô, iniciada pela prefeitura, como um empreendimento municipal, que em 1975 teve seus trens podendo circular de um lado a outro da cidade.

Conforme foi se dando a expansão da cidade e surgindo os “bairros dormitórios”, também surgiram vários “centros”, não no sentido de lugar originário da cidade, mas de lugar fruto do desenvolvimento imobiliário e econômico e de lutas políticas e simbólicas (FRÚGOLI Jr., 2004). As favelas também foram fenômenos que desenharam a cidade: conforme eram forçados a ir para mais longe de seus empregos, os cidadãos mais pobres improvisavam moradias. Ao passo que esse fenômeno acontecia, no final do século XX, os moradores mais abastados da cidade iam cada vez mais se isolando em condomínios fechados, em uma tentativa de fugir da violência.

Os escritórios e hotéis lançados no final do século XX ocupavam as margens do Rio Pinheiros e a Avenida Paulista, apontando o processo de deslocamento dessas atividades para a zona sul, o que acentuou o avanço destas regiões, já priorizadas desde a época das primeiras avenidas.

## **INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS**

Intervir é interagir, segundo Wagner Barja (BARJA, 2008), usando a cidade ora como suporte ora como estratégia para causar reações diretas ou indiretas em quem transita pelo meio urbano. As intervenções são formas de deixar o ambiente socialmente significativo, criando sentido para os espaços e facilitando a inclusão social. Acima de tudo, as intervenções artísticas urbanas enxergam e proporcionam uma cidade suporte para a manifestação da arte.

Para facilitar o entendimento das várias modalidades de intervenção são propostas proposto neste artigo algumas subdivisões. A primeira delas será a dos diálogos públicos (URSSI, 2013), que contempla pixação<sup>3</sup>, lambe-lambe, cartaz, estêncil, grafite, sticker, inscrição, apagamento, entre outras. Essas são situações comunicativas urbanas que acontecem nas ruas, de forma não programada.

A segunda subdivisão corresponde às festas, teatros e intervenções pontuais. Tratam-se de ações urbanas, atividades que precisam do intervencionista para acontecer e, normalmente, interagem diretamente com quem utiliza a cidade.

Todas as práticas intervencionistas estão ligadas ao conceito de efemeridade (MIGLIANO, 2013) e vínculo com o suporte (TAVARES, 2010), pois todos

---

<sup>3</sup> Neste artigo trataremos de pixo com “x” e não com “ch”, de forma proposital, para estar de acordo com a característica desafiadora desse tipo de intervenção.

dependem da cidade, que está em constante transformação. As intervenções lidam com a deterioração: os muros podem ser repintados, a chuva pode rasgar os cartazes, esculturas podem ser quebradas. Dessa mesma forma, as festas e peças de teatro têm tempo delimitado e as intervenções pontuais podem depender do clima e da disposição do público em interagir.

Levar arte para as ruas é outra característica comum das intervenções. O livre acesso à cultura é uma forma de inclusão social; moradores de bairros mais precários e em situações de vulnerabilidade, enquanto espectadores, tem acesso a festas e teatro gratuitamente, e enquanto artistas, tem a cidade inteira com palco e tela.

Trabalhar com os espaços da cidade também é trabalhar com a ressignificação de não-lugares. Os lugares que costumam ser apenas de passagem ganham novos elementos que fazem os transeuntes prestarem mais atenção no ambiente onde estão.

### **Ações Urbanas**

Aqui será usado o termo ações urbanas para designar as ações artísticas que são realizadas nas ruas com a intenção de promover um corpo-a-corpo (entre arte e espectador ou entre espectador e espectador). Essas práticas podem ser usadas para discutir temas que se relacionam com a comunidade e que o intervencionista julga ter relevância. Neste artigo trabalhamos principalmente as festas de rua e as intervenções pontuais, explicadas a seguir.

#### **Festa de Rua**

Tradicionalmente no Brasil existem várias festas populares (São João e Carnaval, por exemplo) que acontecem na rua e mudam o funcionamento dos locais durante a realização. A versão moderna dessas festividades são as festas gratuitas realizadas em espaços vazios ou pouco utilizados da cidade.

Realizados por coletivos, esses eventos discutem o espaço público da cidade como sendo de todos e, diferente do que pode se pensar, as festas de rua não querem incomodar os moradores com a música no meio da rua, mas trazer uma nova forma de lazer acessível para eles. Defendem que os espaços devem ser utilizados de novas formas para permitir maior inclusão social.

#### **Intervenções Pontuais**

Essa linguagem intervencionista precisa do contato com o público para se concretizar. O artista, ao usar essa técnica, tem como principal objetivo causar uma reflexão e/ou transformação em quem observa e interage, para isso são utilizadas metáforas. A dimensão da intervenção, assim como o local onde acontecerá, são escolhidos dependem do assunto, de como será abordado e do resultado esperado.

### **Diálogos Públicos**

O termo diálogos públicos, apresentado no artigo de Milene Migliano, denomina “as situações comunicativas urbanas que se desenvolvem nas ruas, viadutos, pontes e outros contextos por meio das práticas de escrita da cidade ” (MIGLIANO, 2014), segundo a própria autora. As expressões artísticas consideradas diálogos públicos são baseados em símbolos, entre escrita e desenho. Aqui trataremos mais particularmente do grafite e do pixo.

#### **Grafite**

O Grafite engloba os desenhos e escritas deixados nos muros da cidade. No Brasil são popularmente reconhecidos por serem desenhos coloridos que estampam as cidades. Aqui, essa prática é aceita como manifestação artística desde a década de 1970.

O grafite subverte o suporte, sendo uma ação não planejada para o meio que usa, mas ainda assim tem a preocupação de ser entendida, usando elementos gráficos amplamente conhecidos e entendíveis. Fazem com que a cidade vire um verdadeiro sambaqui, com as sobreposições de desenhos e escritas. Os muros escolhidos dependem da posição na rua, das marcas que já tem e de onde o muro pertence.

Trata-se de uma arte de rua mais comercial, e podem também ser encontrada em museus. Em São Paulo existem muitos museus a céu aberto, como o Beco do Batman e a Avenida 23 de Maio (este “museu” do grafite foi apagado pela atual gestão da cidade de São Paulo, do prefeito João Dória), que são lugares onde há grande concentração de Grafites.

#### **Pixo**

A pixação vem do movimento punk dos anos 1980 e tem um caráter político e social muito forte; está ligada a manifestação de uma indignação com os duros padrões da cidade. Como o Grafite também inclui letras e palavras, a principal diferença entre essas duas práticas é a finalidade. Enquanto o grafite pretende embelezar o pixo, além de mostrar seu potencial estético, quer incomodar.

Com a maioria de praticantes jovens e de periferia, os pixadores buscam, ao criar (que é um complexo processo criativo) e espalhar sua assinatura pela cidade, a inclusão urbana. Enquanto muitos enxergam como um vandalismo, é uma forma de lazer, uma forma de escape dos praticantes `a dura rotina imposta pela cidade.

Esta prática foge do que é legalizado, e a essência está nisso. A adrenalina de romper com o que é imposto faz parte do pixo. Em São Paulo existem várias categorias de pichação, desde muros até escalando prédios, o importante é ser visto, ter bastante pichação pela cidade.

## **APROPRIAÇÕES DA CIDADE**

Desde sua criação a cidade vem sendo usada de diversas formas, que vêm adaptando São Paulo às necessidades em mudança dos moradores: comércio, manifestações religiosas, protestos, guerras, festas e intervenções artísticas. A cidade, enquanto construção social, é fruto da própria característica de ser um lugar que abriga diferentes pessoas e diversas práticas sociais. As expressões da população no meio urbano variam conforme a época em que se dão, dadas as origens de classe e a bagagem cultural dos agentes transformadores.

Mudanças culturais e a difusão de padrões estrangeiros levaram a construção de grandes shoppings na década de 1960 na cidade. Com isso teve início o chamado “declínio do espaço público” (FRÚGOLI Jr., 2004). Os padrões de interação social mudaram e as pessoas passaram a utilizar menos os espaços públicos, e mais lugares de acesso público, mas com controle privado.

Neste período São Paulo era um centro dos movimentos de resistência e sediou grandes lutas sociais. Por exemplo, a Rua Maria Antônia (no bairro de Vila Buarque, distrito da Consolação), que fica entre a então chamada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL - USP) e a Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi palco de um conflito entre alunos do



Mackenzie, que contavam com franco-atiradores, defendendo os valores do regime ditatorial, e alunos da USP, armados com coquetéis molotovs, defendendo maior abertura política. Nesta ocasião o prédio da USP ficou com marcas da batalha, com janelas fechadas e frases de cunho político pichadas que continham, como a maioria daquela época, frases de ordem.

Foi na ditadura que começaram a se espalhar pichações que marcaram a cidade com frases de protesto. Essas frases se espelham nas escritas em Paris no movimento dos estudantes conhecido como maio de 1968. Para protestar contra a burocracia e o fechamento de universidades, eram escritas frases como "Abaixo a sociedade de consumo." e "É proibido proibir.", usando o poder das palavras como armas (Slogans et graffiti).



Manifestação de Maio de 1968 (créditos na imagem)

Já no final da ditadura militar (1964-1985) o movimento das Diretas Já!, reuniu na Avenida Paulista milhares de pessoas para exigir o voto direto para presidente. As manifestações políticas tem sido, ao longo do tempo, um modo comum de utilização dos espaços públicos da cidade. Ao analisarmos onde ocorrem nos deparamos com grandes avenidas, antes mais na região central e nos dias atuais mais na região da Avenida Paulista. O caso recente com maior grande repercussão foram as manifestações de Junho de 2013, que começaram com o protesto contra o aumento de 0,20 centavos na passagem de ônibus e se estenderam para reivindicações de ordem federal, inclusive em outras cidades do Brasil.

As intervenções nas ruas da cidade aparecem para resolver problemas sociais que o Governo não consegue resolver (JEZMO, MURILLO E ALLYSON, 2014). Sem muitas alternativas, o jovem da periferia busca uma forma de lazer e a encontra, muitas vezes, na agressão a cidade, uma forma de contornar a rigidez imposta pela selva de pedra (WAINER, 2009).

As intervenções artísticas retomam o uso do espaço da cidade através da arte, mas a finalidade desta depende muito da bagagem urbana de quem a produz. Como ela será recebida também varia de acordo com quem observa, é por isso que a pichação é vista como vandalismo para alguns, enquanto outros, mais envolvidos com a prática, reconhecem quem pixou, por exemplo. Esse jogo de percepções com o que é posto nos muros da cidade renova a relação dos moradores com as ruas, ao chamar atenção para o que antes passava despercebido.

Atualmente é impossível pensar São Paulo sem os pixos nos prédios do centro e sem os grafites espalhados pelos muros. As intervenções já se tornaram parte da cidade e são uma característica importante de São Paulo. Já é normal encontrar escritos como “Carlos Adão” pelos mais diversos bairros e as festas de rua já entraram no calendário com o “SP na Rua”, festival de festas gratuitas feitas no centro da cidade.



Grafito poso com sua marca registrada (Foto de Eduardo Marini)

Mais do que apenas lazer, cada tipo de intervenção tem sua própria finalidade, que faz com que as pessoas prefiram uma ou a outra. De acordo com a literatura consultada, é perceptível que os pixos querem mostrar seu potencial estético e transgredir a estrutura planejada da cidade, ao passo que os grafites visam embelezar

e fazer os moradores refletirem; os lambe-lambes e intervenções pontuais, por sua vez, buscam promover alguma reflexão, e as festas querem propor lazer e mais propriamente utilizar a cidade.

Festas de rua têm dois fundamentos básicos, segundo o documentário *O que é nosso - Reclaiming the Jungle* (WAINER, 2014): ocupar espaços pouco utilizados e prover lazer gratuito. São normalmente realizados por coletivos, que também fazem festas pagas para se manterem, e frequentadas, principalmente, por interessados que acompanham o projeto e moradores de rua. Assim, ocupam túneis, praças e viadutos, fazendo as pessoas conhecerem mais sobre a cidade em que vivem.



Edição da festa A Porta Maldita (Foto: A Porta Maldita)

As intervenções também têm o poder de construir novos lugares de interação urbana. Na verdade, a construção do espaço é mais uma ressignificação: trata-se de dar um novo sentido ao espaço, dessa forma tornando-o mais atraente para as pessoas. Na Vila Madalena, por exemplo, o ponto turístico conhecido como “Beco do Batman” atrai moradores e visitantes pela variedade de cores e traços dos vários grafites que preenchem o beco.

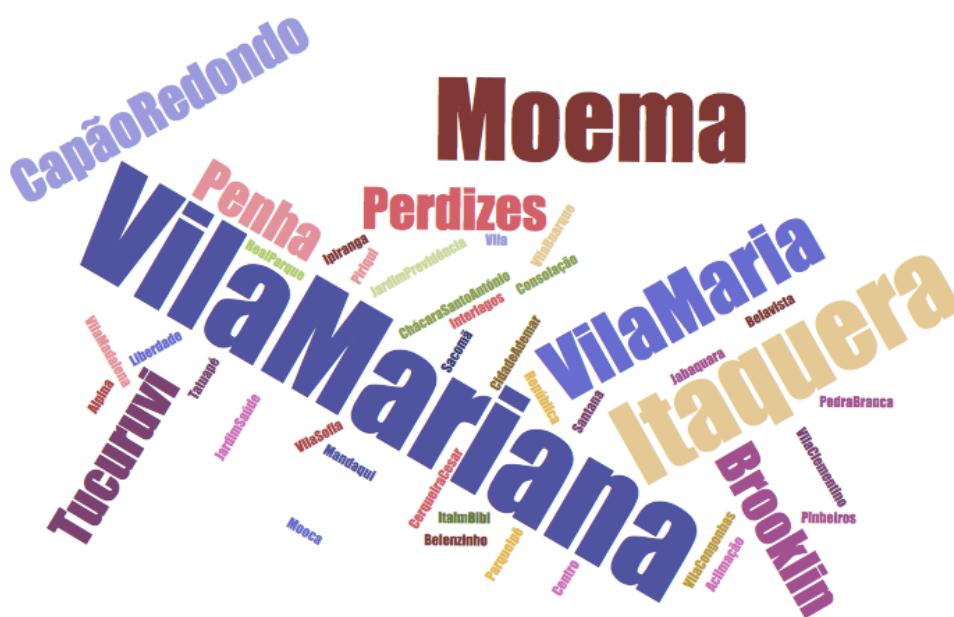
Outro poder das intervenções é mudar o sentido dos não-lugares (URSI, 2014), lugares de passagem como passarelas, viadutos e estações de metrô. Isso pode ser feito com intervenções pontuais, que em geral tem relação com o espaço escolhido para a realização. Esse tipo de intervenção tem como característica fazer oposição ao estilo de vida rápido da cidade com ações que colocam os indivíduos de frente com situações que não são rotineiras.

As intervenções pontuais podem ter duas motivações principais (BARJA, 2008): questionar um padrão social quanto criar situações não usuais, tanto para o artista quanto para o impactado. É comum ver pessoas utilizando dessa prática para gerar gentilezas, principalmente usando as estratégias de abraço grátis, onde o agente abraça quem quiser e a escuta de histórias, na qual o agente escuta quem precisar falar

## PROJEÇÕES SOBRE SÃO PAULO

Baseado na pesquisa “Fantasmagoria Urbana em São Paulo” (AMANDO, 2001), realizada em 1990 sobre como os habitantes de São Paulo e Bogotá percebem suas respectivas cidades, foi realizado um questionário para tentar identificar as projeções atuais dos moradores sobre a cidade de São Paulo. A finalidade das questões é entender como as intervenções artísticas urbanas e os agentes transformadores atingem e permanecem na memória do cidadão.

Para analisar as respostas é necessário entender um pouco da situação dos respondentes. Para não haver uma generalização errônea dos resultados é importante observar alguns fatores de quem respondeu: qual a idade, aonde vivem, há quanto tempo vivem em São Paulo, com quantas pessoas moram e qual a faixa de renda da família<sup>4</sup>.



<sup>4</sup> Aqui estamos considerando família quem more na mesma casa

IDADE DOS RESPONDENTES		TEMPO QUE MORA EM SÃO PAULO	
Até 18 anos	6 respondentes	Até 5 anos	9 respondentes
De 19 a 25 anos	49 respondentes	De 6 a 25 anos	48 respondentes
De 26 a 45 anos	8 respondentes	De 26 a 45 anos	5 respondentes
46 anos ou mais	7 respondentes	46 anos ou mais	7 respondentes

Como visto nos gráficos acima, a maior parte dos respondentes é jovem, tem entre 19 e 25 anos, vivem desde que nasceram em São Paulo e em moram, atualmente, em sua maioria, em bairros do quadrante sudoeste. Na tabela abaixo é possível entender melhor a situação financeira de quem respondeu, comparando o nível de renda de suas casa com o número de pessoas que vivem nelas, aqui a maioria mora com mais três pessoas.

RENDA MÉDIA DA CASA (em salários mínimos)		PESSOAS QUE MORAM NA MESMA CASA	
Até 1	1 respondente	1	4 respondentes
De 1 a 3	6 respondentes	2	13 respondentes
De 3 a 5	13 respondentes	3	19 respondentes
De 5 a 15	31 respondentes	4	28 respondentes
Mais de 15	16 respondentes	5	6 respondentes
		6 ou mais	1 respondentes

Na pesquisa realizada em 1990 os respondentes afirmavam que nos 5 anos anteriores não havia acontecido nada de importante, resposta seguida pela eleição da prefeita Luiza Erundina, pela construção de espaços públicos e pela ampliação da rede de metrô. Na pesquisa realizada para este artigo várias pessoas ignoraram esta questão ou não souberam responder, ao passo que as que responderam mencionaram, principalmente, as grandes manifestações de junho de 2013, a mudança de velocidade nas vias, o fechamento da Avenida Paulista aos domingos, a criação de ciclovias e a volta do carnaval de rua e conservação dos parques, entre outras. Apesar do aparente desinteresse sobre os assuntos da cidade, ainda apareceram muitas respostas valorizando os novos usos do espaço público de São Paulo e manifestações nas ruas, tanto as de cunho político como as de cunho social.

Para entender como os moradores se relacionam com os lugares da cidade foram feitas duas questões. A primeira, que perguntava qual o lugar favorito na cidade, e as respostas que mais se repetiram foram Avenida Paulista, Centro e Parque Ibirapuera. Quando a pergunta foi qual lugar representa melhor São Paulo as respostas permaneceram parecidas, mas o Parque Ibirapuera não foi mencionado. Assim como no final do século XX os lugares mencionados fazem referencia, principalmente, aos aspectos histórico e tecnológico da cidade, lembrando do centro, com seus monumentos e da Paulista, com seus prédios comerciais.

Algo que pouco mudou foi a cidade não ser considerada bela ou segura, exceto por uma pequena parcela da população, em sua maioria da classe alta. A sensação de que as necessidades básicas não são atendidas também permaneceu, e os três principais foram saúde, segurança e educação. O lazer foi a necessidade básica menos apontada, o que pode ser relacionado com a condição social dos respondentes, já que em regiões periféricas as áreas dedicadas ao lazer são mais escassas.



As duas últimas perguntas tinham relação mais direta com as intervenções artísticas no meio urbano. Quando perguntados sobre a cor da cidade a maioria respondeu cinza, mas algumas outras cores mais vivas também foram citadas, o que pode ser considerado um reconhecimento do trabalho dos agentes transformadores. Sobre a pergunta que tratava da importância do lazer, os respondentes reconheceram que é algo essencial para equilibrar o padrão de vida imposto pela cidade.

## **INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E A CIDADE: O PONTO DE VISTA DOS AGENTES**

Com a finalidade de compreender as motivações dos agentes transformadores e peculiaridades de cada uma das intervenções, foram entrevistados representantes de praticantes de intervenções em São Paulo. Foram três respondentes: João Domingos, grafiteiro de desenhos e estudante de artes visuais no Centro Universitário Belas Artes; Luiza Bortolatto, grafiteira de frases e estudante de publicidade e propaganda da Faculdade Cásper Líbero; e Djan Ivson, pichador, líder do grupo Cripta.

As entrevistas foram realizadas durante o primeiro semestre de 2017, início do mandato de João Dória como prefeito de São Paulo, que realizou o, polêmico, apagamento de grafites e pixações da Avenida 23 de Maio. Reclamações sobre essa medida apareceram nas respostas sobre a efemeridade das intervenções na cidade. O fato do apagamento ocorrer parece incomodar menos por de fato pararem de existir e mais porque o apagamento está ligado a um juízo de valor sobre o que é belo e o que deve estar nas paredes de São Paulo. Djan, enquanto um agente transformador mais experiente, mostrou mais preocupação com a escolha de onde “gastar a tinta”, priorizando os locais onde sua marca será mais difícil de ser apagada.

Quando perguntados sobre como começaram a praticar intervenções, as respostas revelaram a vontade de pertencer e aparecer na cidade, começaram a intervir para se encaixar em um grupo e/ou espalhar sua mensagem. Assim como é possível encontrar em diversas bibliografias sobre o assunto, os muros foram tratados, pelos respondentes, como grande mídia, a maneira mais eficiente de tornasse visível, de atingir um grande número de pessoas.

Ao colocar suas mensagens nos muros esses agentes, em geral, não têm pretensão de conseguir nenhuma reação em específico, mas querem alguma reação, querem propor a reflexão. O pixo, mais especificamente, pretende também mostrar seu valor estético, além de seu caráter transgressor.

Quando deparados com a questão da percepção do público leigo sobre a aparente legalidade do grafite e ilegalidade do pixo, os intervencionistas levantaram pontos importantes sobre o porquê isso ocorre, como o desenho do grafite ser mais facilmente assimilado pelas pessoas e, então, mais aceito que os pixos que tem letras de difícil leitura para leigos. No entanto, João argumentou que a ilegalidade não dever

ser ligado ao tipo de intervenção e sim a como elas são realizadas; a colocação de que o grafite é utilizado para demonizar o pixo foi usada por Djan; e a Luiza acredita que é a falta de informação o que faz com que as pessoas relacionem pixo, escrita e ilegalidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada teve início com a previsão que seriam encontrados dados atuais já prontos sobre a influência das intervenções artísticas urbanas na relação dos moradores com os espaços públicos. Isso não foi confirmado e o assunto se mostrou pouco estudado de forma científica, ainda sendo um campo aberto para mais estudos inovadores. As bibliografias também apresentaram recortes bastante restritos, enfocando apenas em um tipo de intervenção.

O recorte da cidade São Paulo foi surpreendente pois, além de ser uma cidade grande que recebe diversas pessoas e intervenções, por estar diretamente ligada a processos de ocupação do espaço público. Seja por meio de passeatas, movimentos de luta por moradia ou reocupação de praças, a cidade está em constante movimento. Durante a pesquisa foi perceptível que os cidadãos, mesmo que não interventores, se envolvem e pensam sobre pautas de ocupação do espaço público.

Apesar de terem sido estudados mais tipos de interferências, só foram entrevistados grafiteiros e pixadores, para pesquisas futuras pode ser interessante ampliar esta gama de pessoas. Quanto maior for a diversidade dos respondentes e suas experiências urbanas, mais assertivas podem ser as conclusões.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **Livros, dissertações, artigos e periódicos:**

BARJA, Wagner. *Intervenção/terinvenção: A Arte de Inventar e Intervir Diretamente Sobre o Urbano, Suas Categorias e o Impacto no Cotidiano*. Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI), v.1 n.1, p.213-218, jul./dez. 2008. Disponível em:



<<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/viewFile/816/2359>>. Acesso em: 15 de Dezembro de 2016.

CAMPOS, Candido Malta et al. *São Paulo, Metrópole em Trânsito: Recursos Urbanos e Culturais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. 263 p.

FRÚGOLI, H. Os espaços públicos numa perspectiva antropológica. In: CAMPOS, Candido Malta et al (Orgs.). *São Paulo, Metrópole em Trânsito: Recursos Urbanos e Culturais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. P. 178.

LASSALA, Gustavo. **Em Nome do Pixo: A experiência social e estética do pichador e artista Djan Ivson / Gustavo Lassala.** – 2014. 102 f. : il. ; 30 cm.

LASSALA, Gustavo. *Os Tipos Gráficos da Pichação: Desdobramentos Visuais*. Dissertação de mestrado – Universidade Mackenzie. São Paulo, 2007.

LAVILLE, Christian. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 2008. 340 p.

MIGLIANO, Milene. *Dos Diálogos Públicos ao Mapa dos Graffitis*. *Arte 21*, São Paulo, Volume 1, Numero 2, Jan.-Jun., 2014.

<<http://www.belasartes.br/downloads/revista-arte-21/2.pdf>>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2017.

PAIAO, Cristiane. *São Paulo: espaço urbano em constante transformação*. **ComCiência**, Campinas, n. 118, 2010 .

RODRIGUES, Angela Rösch; CAMARGO, Mônica Junqueira de. *O uso na preservação arquitetônica do patrimônio industrial da cidade de São Paulo*. *Revista CPC*, São Paulo, n. 10, p. 140-165, maio/out 2010

RUIVO, Maria Patrícia; FRANCISCO, José. *Transformações urbanas em São Paulo*. **Estud. av.**, São Paulo , v. 29, n. 85, p. 263-277, Dec. 2015 .

SILVA, Armando. *Imaginários Urbano*. São Paulo : Perspectiva, 2001. 247 p.

TASCHNER, Suzana P.; BOGUS, Lucia M. M. *São Paulo: O Caleidoscópio Urbano. São Paulo Perspec.*, São Paulo , v. 15, n. 1, p. 31-44, Jan. 2001.

TAVARES, Andréa. *Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. ARS (São Paulo)*, São Paulo , v. 8, n. 16, p. 21-30, 2010.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel veloso. *Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. Estud. av.*, São Paulo , v. 21, n. 61, p. 173-191, Dec. 2007.

URSSI, Nelson. *Experiências urbanas: a cidade como suporte e a vida como arte. Arte 21*, São Paulo, Volume 1, Numero 2, Jan.-Jun., 2014.  
<<http://www.belasartes.br/downloads/revista-arte-21/2.pdf>>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2017.

VILLAÇA, F.. Elites, desigualdade e poder municipal. In: CAMPOS, Candido Malta et al (Orgs.). *São Paulo, Metrópole em Trânsito: Recursos Urbanos e Culturais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. P. 148.

### **Documentários:**

Entre Rios. Direção e Locução: Caio Silva Ferraz. Produção: Joana Scarpelini. Produção independente. Brasil, 2009. 25 minutos.

O Que é Nosso – Reclaiming The Jungle. Direção: Jezmo, Murilo e Allyson. Produção independente. São Paulo, SP: 2014. 68 minutos.

PIXO. Direção: João Wainer, Roberto T. Oliveira. Produção: Francesco Civita. São Paulo - SP, 2009. 61 min. Son, Color, Formato: HDV.

### **Sites, reportagens e outros:**

ABOS, Márcia. Pichador da Bienal diz ser tão marginalizado quanto urubus da obra de Nuno Ramos. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/pichador-da-bienal-diz-ser-ao-marginalizado-quanto-urubus-da-obra-de-nuno-ramos-2946629?versao=amp>>. Acesso em: 16 de Setembro de 2016.

IMBROISI, Margaret. Intervenção Artística Urbana. Disponível em:  
<<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/intervencao-artistica-urbana/>>. Acesso em: 17 de Setembro de 2016.

SACONI, Rose. Como era São Paulo sem Sesc Pompéia. Disponível em:  
<<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-sesc-pompeia,9353,0.htm>>. Acesso em: 14 de Maio de 2017.

SLOGANS ET GRAFFITI. Disponível em:  
<<http://users.skynet.be/ddz/mai68/slogans-68.html>>. Acesso em: 20 de Julho de 2017.

WAINER, João. Pichação é arte. Disponível em:  
<<https://super.abril.com.br/cultura/pichacao-e-arte/>>. Acesso em: 16 de Setembro de 2016.